

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Feminismos brasileiro: um olhar desde publicações feministas (1991-2001)

PAMELA C. PENHA

Doutoranda em História Social pela FFLCH/USP

As publicações feministas podem ser consideradas um tipo particular de jornalismo. Feita por e para mulheres, elas buscam expressar suas lutas por direitos, conquistas e refletir sobre seus cotidianos e contradições. As temáticas abordadas nessa forma de publicação transpassam áreas diversas, trazendo em suas páginas textos sobre questões políticas, saúde, educação, trabalho e sexualidade.

Por meio da análise das publicações *Fêmea*, *Fazendo Gênero* e *Enfoque Feminista*, busca-se compreender através das temáticas que adotaram no contexto da redemocratização, como sua produção estava ligada as mudanças experimentadas pelos movimentos feministas brasileiros no período em destaque.

Enfoque Feminista, lançada em maio de 1991, foi criada por um conjunto de entidades feministas de São Paulo: Casa da Mulher do Grajaú, Casa da Mulher Lilith, CIM (Centro Informação Mulher), Coletivo Feminista Sexualidade Saúde, Pró-Mulher e União de Mulheres de São Paulo, contava com o apoio financeiro da Fundação MacArthur. O Jornal *Fêmea*, criado em 1992, era impulsionado pelo Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFêmea) situado em Brasília –, trazia em seu editorial a referência aos apoios da Fundação Ford, Fundação MacArthur, Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM) e Fundo de População das Nações Unidas (FNUAP). E o *Informativo Fazendo Gênero*, lançado em 1997, pelo Grupo Transas do Corpo de Goiânia, possuía apoio da International Women's Health Coalition Global Fund for Women e, também da Fundação MacArthur, da Fundação Ford e do Projeto Shell.

Cada publicação traz suas especificidades, entre as quais o tempo de circulação, periodicidade, local de produção, formato e apoiadores. *Fêmea* (DF), produzido entre os anos de 1992 e 2014, teve variações em sua circulação com periodicidade trimestral, bimestral e posteriormente mensal. Inicialmente publicado em uma única cor (algumas edições preto e branco, azul e rosa) a partir da edição número 155 (Março/Abril/Maio de 2008) passa por uma reformulação, trazendo em suas páginas maior quantidade de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

imagens e mudanças gráficas. Conferia importante espaço às questões legislativas, apresentando em sua edição número 0, de 1992, quais eram seus escopos: “este boletim pretende fazer esta ponte: parlamentares versus movimento e organismos de mulheres autônomos e institucionais.” (*Fêmea*, 1992, p. 1).

Já a publicação *Enfoque feminista* (SP) com duração menor, publicada entre 1991 e 1997, suas primeiras edições possuem como característica o formato de boletim informativo, apresentado dessa forma em seu primeiro editorial na edição, número 0, de 1991, com publicação trimestral, explicando sobre as pretensões acerca dos temas veiculados:

[...] abordaremos temas importantes sobre a condição da mulher no Brasil e em outros países sem perder de vista a dura realidade que estamos atravessando, onde a crise mundial afeta para de modo particular às mulheres. (*Enfoque Feminista*, ano I, nº0, maio/1991).

A partir de seu terceiro ano, a publicação passa por uma reformulação, levando suas edições a uma maior qualidade gráfica, com maior volume de páginas, cerca de quarenta páginas por edição, em contraposição ao modelo anterior com 4 páginas, e periodicidade semestral, objetivando a “análise mais aprofundada a respeito da realidade que envolve a vida das mulheres.” (*Enfoque Feminista*, ano III, nº4, 1993).

O *Informativo Fazendo Gênero* se diferencia ao manter seu formato de boletim informativo ao longo dos seus 10 anos de circulação. Apesar de algumas mudanças na qualidade gráfica, permaneceu com seu conteúdo distribuído em 4 páginas com periodicidade semestral. Em sua edição número 1, trouxe escrito quais eram seus objetivos, explicitando que o boletim foi criado a partir “da necessidade de difundir o trabalho do Grupo Transas do Corpo e de estimular o debate acerca das questões de gênero no âmbito da educação sexual, dos direitos reprodutivos e da saúde da mulher”. (*Fazendo Gênero*, nº1, mar/jun/97)

As revistas pesquisadas, cada qual dentro de suas especificidades, colocam-se como publicações conexas com as discussões provenientes da conjuntura e dos processos nos quais estavam inseridas. Ao se proporem a refletir e divulgar os acontecimentos e ao proporcionarem debates sobre as questões das mulheres, é possível verificar em suas páginas não apenas os diálogos com o contexto, mas como esse diálogo se conciliava com a articulação, divulgação e disseminação das ideias dos grupos que produziam e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

impulsionavam as publicações. Os grupos falam de si, utilizam as publicações para divulgarem suas ações, participações e atuações.

Essas publicações circularam em um momento no qual o país atravessava uma crise política e econômica, com a implantação de políticas neoliberais no país que acarretavam cortes de gastos em diversas áreas como educação e saúde, reformas econômicas e privatizações. Diante desse cenário observa-se que os feminismos no Brasil ao longo desse período buscaram a construção de políticas voltadas aos direitos das mulheres, atuando em organismos nacionais e espaços internacionais, a partir de uma frágil relação com o Estado, o qual com a implementação das políticas neoliberais, colocaram barreiras nos avanços dessas políticas.

Diante desse cenário a análise e estudo destas revistas apresentam possibilidades para a compreensão das atuações dos feminismos no Brasil na década de 1990. Aqui, se busca expor como nessas publicações estava expressa as demandas em torno das questões das mulheres e dos feminismos em um contexto específico de transformações.

As mulheres tiveram papel importante no processo da Constituinte, após esse período há algumas realocações das ações das feministas, muitas incorporaram espaços governamentais e ocuparam espaços antes não disponíveis às mulheres. Após a aprovação da Constituição de 1988, o movimento feminista adentrou a década de 90 diante de um processo de reconstrução da democracia no país, era também importante fazer parte desse novo processo político o qual o país atravessava, além de espaços nos governos, o movimento feminista no período é marcado “por processos de institucionalização de práticas e discursos feministas, com a criação de organizações não governamentais (ONG), centros de estudos” (GONZALEZ, 2020, p. 2).

Na década de 1990 ocorreu maior incorporação das pautas de demandas feministas e de gênero em organismos internacionais, como Fundação Mac Arthur, Fundação Ford, International Women’s Health Coalition Global Fund for Women e a ONU, esse elemento pode ser percebido em duas vias, no apoio financeiro desses organismos às publicações aqui citadas, às conferências e encontros internacionais promovidos pela ONU, que aconteceram ao longo do período. Essa incorporação colocou os movimentos atuando nos limites desses organismos. Como ressaltou Flávia Biroli (2018) a redemocratização propiciou que as fronteiras entre atuação no âmbito estatal e o

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ativismo dos movimentos se tornasse mais porosa, mais fluída. Porém, essa fluidez não implicou que as agendas dos movimentos fossem totalmente absorvidas pelo debate político institucional. Como aparece exposto nas publicações, os avanços alcançados no período ocorreram de forma bastante lenta.

As publicações veicularam temas de forma bastante ampla, como os direitos humanos e o combate à violência; os direitos sexuais e os direitos reprodutivos; o trabalho e a previdência social; a política e o poder; o enfrentamento do racismo; e o combate à pobreza (MIGUEL, 2003, p. 279). Neste texto destacaremos alguns dos temas abordados nessa forma de publicação que permitem compreender os feminismos no contexto de análise.

As revistas e seus conteúdos

O início da década de 1990: *Fêmea e Enfoque Feminista*

Lançadas no início da década de 1990, essas publicações traziam em suas páginas notícias sobre eventos que caracterizam como importante para as mulheres, falavam também de seus coletivos, em quais projetos estavam atuando. *Enfoque Feminista* em sua edição de estreia apresentou cada uma das entidades que a impulsionava. *Fêmea* destacava-se pelo foco conferido às tramitações no Congresso Nacional, lançado inicialmente como um boletim informativo com objetivo de fazer a ponte entre o legislativo e os movimentos feministas pelo Brasil, trazia em suas páginas as demandas que afetavam as mulheres em discussão na Câmara dos Deputados e no Senado, posteriormente buscou trazer em suas páginas textos de reflexão acerca de temas que estava em discussão nos movimentos e no legislativo. Ambas as publicações eram distribuídas de forma gratuita e em suas edições havia a divulgação de dados para contato para receber as edições.

Um elemento que marcou os anos 90 foi a realização das conferências internacionais promovidas pela Organização das Nações Unidas (ONU). Desde o estabelecimento do Ano Internacional da Mulher, e também à Década da Mulher (1975-

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1985) a ONU já vinha se aproximando dos temas referentes às mulheres, organizando diversas conferências ao longo do período, o que seguiria também da década de 1990.

Esse cenário aparece exposto nas publicações, desde sua edição número, 0 *Enfoque Feminista*, sob o subtítulo “Um veículo de debate feminista” já chamava atenção para o desenvolvimento da ECO92¹, trazendo informações sobre a participação de grupos feministas de São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco no Fórum das Organizações Não Governamentais Brasileiras Preparatório, e em sua edição número 1 colocando em destaque na primeira página as “Mulheres na ECO92”, nas palavras da publicação a “Conferência Mundial da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento será um dos principais acontecimentos desta década. Mais de 170 países discutirão a situação ambiental mundial, propondo medidas de intervenção estratégicas e acordos internacionais.” (*Enfoque Feminista*, 1992, nº1).

Sobre esse evento, *Fêmea* também abordaria em sua edição número 1, em um artigo da então deputada Jandira Feghali, intitulado “Eco--92 x Controle Populacional”, apontando a discussão levantada na Eco-92, em concordância com os governos norte americanos e inglês:

A abordagem da questão populacional presente no debate/ Eco-92, tem sido feita correlacionando os fatores: crescimento e distribuição da população mundial; degradação ambiental e pobreza. Para muitos movimentos ambientalistas, o controle populacional é pedra de toque para solucionar o esgotamento dos recursos naturais, entre outros. (*Fêmea*, ano 1, nº 1, maio/92)

Outras conferências internacionais voltaram a ilustrar as páginas das publicações, *Enfoque Feminista* e *Fêmea* ao longo do período, como a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, que ocorreu em 1994, no Cairo, também promovida pelo ONU, reunindo 183 países e “significou um avanço substancial para as mulheres de todo o mundo, em especial, as brasileiras.” (*Enfoque Feminista*, 1995, nº 7) e a "IV Conferência Mundial sobre a Mulher", realizada em 95, na cidade de Pequim, desde

¹ A ECO92 foi a primeira Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro no ano de 1992. Houve alguns eventos que antecederam a sua realização que funcionaram como preparatórios para as discussões que ocorreram na Conferência, como o Fórum das Organizações Não Governamentais Brasileiras. Concomitante à Conferência Oficial, havia a Conferência Paralela (chamada Fórum Global 92) nela, uma série de grupos organizaram-se tendas, uma delas, organizadas pelas mulheres, chamava-se Planeta Fêmea

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

eventos preparatórios para participação nas conferências internacionais como notícias sobre os possíveis resultados do evento,

Beijing foi mais uma estação no rosário de eventos internacionais que se estendem do Rio (1992) à a Istambul (1996) passando por Conferência Viena (1993), Cairo(1994) e Copenhague (1995). Seus resultados devem ser avaliados na relação com os totalidade deste ciclo. (*Fêmea*, ano III, nº 32, setembro/95)

Segundo Jules Falquet essas conferências e reuniões promovidas pela ONU, em diferentes lugares e ao longo do período “absorve o tempo e a energia de mulheres e grupos feministas, o que acarreta cada vez mais despesas consideráveis que só podem ser atendidas com financiamentos internacionais” (FALQUET, 2011, p. 94).

Para a participação na Conferência de Pequim, as mulheres que compunham o CFemea, alegam em editorial do *Fêmea* (ano III, nº 31, agosto/1995), um momento de crise na ONG que poderia acarretar a suspensão da publicação do boletim durante um período. Afirmam também que, apresentaram diversos projetos à agências internacionais e a mesa proposta pelo Cfemea no Fórum de ONG's, (evento paralelo, parte da organização da Conferência de Pequim) não ocorreria e por pouco a ONG não conseguiria enviar suas representantes.

Ao longo do período, segundo Falquet (2011), surge algo como uma elite feminista, que consegue participar desses eventos. A autora coloca também que a partir dessas conferências, estabelece-se uma lista de propostas legislativas abstratas, microprojetos locais, melhorias parciais frente a crescente miséria das mulheres. A escolha dos temas discutidos variava de acordo com o interesse das agências financiadoras. Ainda que “certamente muitos países criaram ministérios ou secretarias da mulher, em aplicação dos compromissos assumidos em Pequim. Em várias partes do mundo, mudanças legislativas foram registradas em favor das mulheres” (FALQUET, 2011, p. 91 – tradução nossa).

As publicações *Enfoque Feminista* e *Fêmea* trouxeram também em suas páginas a participação das mulheres na política institucional, ressaltando a importância de ocuparem esse espaço.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Desde as expectativas e balanços das eleições de 1994, ao espaço conferido as mulheres com cargos políticos como colaboradoras e autoras de textos². Na edição de agosto de 1994, *Enfoque Feminista* traz, em seu editorial intitulado “A Responsabilidade do Voto”, o destaque que o número abordará às eleições que estariam prestes a ocorrer, e a prioridade em colocar temas que priorizassem “as propostas das mulheres para um governo democrático e com justiça social sob o ponto de vista feminino” (*Enfoque Feminista*, ano 3, nº 6, ago/1994). Na edição seguinte de janeiro de 1995 (ano IV, nº7), a publicação faz um balanço do que se esperar do governo do presidente recém-eleito, Fernando Henrique Cardoso, faz também um destaque às mulheres eleitas, citando a texto da edição do boletim *Fêmea* de setembro/94, como fonte de informação,

Nas eleições de 1994, a bancada feminina no Congresso Nacional cresceu 21,42% em relação ao número de mulheres eleitas em 1990. Em 1995, chegarão ao Congresso 39 mulheres, sendo cinco senadoras e 34 deputadas. A proporção ainda é baixa, a participação da mulher é de 6,22% no total de parlamentares na Câmara e no Senado, mesmo assim, houve um avanço considerável. (*Enfoque Feminista*, ano IV, nº7, 1995).

Contudo *Enfoque Feminista* não destaca quem são essas mulheres eleitas, com quais pautas e projetos foram eleitas ou ainda à quais partidos elas pertencem. Enquanto *Fêmea*, aborda as eleições em várias edições, em especial a edição nº 18, quando apresenta os candidatos à presidência da República, embora cite apenas os que estavam em destaque nas pesquisas de opinião, ainda na mesma edição, há importante espaço a três candidatos, Luís Inácio Lula da Silva, Leonel Brizola e Orestes Quéricia, o espaço conferido à eles justifica-se, de acordo com a publicação, “comentamos aspectos dos programas de Lula e Brizola, que reservaram espaço para tratar do universo feminino e o artigo de Quéricia³.” A ausência de maior discussão, nesta edição nº 18, sobre o candidato Fernando Henrique Cardoso é justificada pelo fato de que no documento compartilhado por sua assessoria a publicação “O Real e o Sonho” não passava por nenhuma das reflexões do *Fêmea*, e que o programa de governo estava ainda em fase de elaboração.

² *Fêmea* trazia não apenas textos de parlamentares, mas em seu editorial havia a referência ao Conselho Consultivo de parlamentares, formado não apenas por mulheres, e oriundas de diferentes partidos.

³ O artigo intitulado “A vez da mulher”.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A edição nº20 de outubro de 1994, traz quais são as propostas do recém-eleito FHC acerca das demandas das mulheres e uma tabela com o nome, o Estado e os partidos das mulheres eleitas para a Câmara dos deputados e do Senado. Na edição nº 23 de janeiro de 95 traz o perfil dessas mulheres eleitas para o Congresso Nacional, com suas profissões, trajetórias políticas, e algumas ações tomadas quando ocuparam outros cargos.

Importante ressaltar que o CFemea é uma ONG de assessoria que atua em constante contato com o legislativo, essa relação é expressa na edição nº 18 de agosto de 1994 do *Fêmea* dedicada às eleições. Logo no início sob o título de “Voto para os aliados” apresenta um breve balanço da legislatura eleita em 1989, apontando a caracterização de grupos políticos e as tendências quanto ao apoio de temas e um perfil detalhado dos aliados, com nome, partido, Estado e breve descrição do apoio já conferido, sendo citados 38 deputados e deputadas de 10 partidos diferentes. Como apontado pela publicação, destaca-se “sem a pretensão de exaurir todos os nomes, o comportamento político de alguns congressistas que estiveram e continuam ao nosso lado na luta por igualdade de direitos e de oportunidades” (Fêmea, nº18, ago/1994, p.2)

Se as eleições de 1994, poderiam significar novas conquistas para as mulheres, logo esses anseios se mostraram infrutíferos, segundo Biroli como:

A reativação do CNDM⁴ no governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), ocorrida em 1995, não foi contemplada com um orçamento que permitisse estruturar o conselho; além disso o quadro de conselheiras foi composto sem diálogo algum com os movimentos. (BIROLI, 2018, p.189).

Em artigo da Revista Estudos Feministas, Céli Regina Jardim Pinto, discutiu as posições das mulheres enquanto candidatas ao pleito de 1994, ainda que tenha delimitado maior atenção de sua pesquisa às candidatas do Rio Grande do Sul, a autora apontou que “tanto a presença como os discursos destas mulheres estão bastante distanciados de candidaturas feministas ou da defesa dos direitos da mulher.[...]” (PINTO,1994, p. 301). Contudo essa distinção não expressa nas duas publicações, embora nomeiem quem são as mulheres feministas, aparenta-se que naquele momento era importante aumentar o

⁴ Criado em o Conselho Nacional dos Direitos das Mulheres (CNDM), órgão federal com autonomia administrativa e orçamento próprio, responsável por cuidar dos direitos das mulheres. O CNDM atuou, principalmente durante a Assembleia Nacional Constituinte na organização das discussões referentes as questões das mulheres através de encontros e reuniões com feministas de várias partes do país.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

espaço das mulheres no cenário da política brasileira, ainda que não fosse através de um discurso feminista. Como Pinto apontou em seu texto, algumas dessas mulheres candidatas eram também de partidos conservadores.

Segundo Sônia Alvarez (2014, p. 28), ao tratar sobre o que ela aponta os feminismos como os campos discursivos de ação, referente aos anos 90, a autora pontua como “diferentes formas de atuação e localização dentro de partidos, secretarias formaram importantes nós articuladores e produtores e disseminadores de conhecimentos e discursos” levaram à ampliação e pluralização dos feminismos. A autora pontua ainda como essas (re)configurações são também produto de mudanças nas alianças e disputas internas e das transformações (ALVAREZ, 2014, p. 20) dos movimentos, momento que se convencionou referir que o movimento se institucionalizou, como observado em algumas edições das publicações *Enfoque Feminista e Fêmea*, no contexto em análise as feministas estavam se reposicionando, incorporando-se em espaços que antes não lhes eram acessíveis.

Final da década: Fazendo Gênero

O *Informativo Fazendo Gênero*, produzido a partir de 1997, e segundo o site do Grupo Transas do Corpo, sem um equivalente no Estado de Goiás, abordou em

Cada edição um tema geral dentro das lutas e debates feministas atuais, em textos escritos por feministas do grupo e/ou convidadas, em especial de mulheres atuantes de Goiás, além de notícias e uma agenda com as atividades realizadas pelo Transas e outros Grupos (Site Grupo Transas do Corpo).

A criação do GTC em 1987, é associada ao processo de reabertura política verificada no Brasil nos anos 1980 e à (re)organização de grupos feministas em todo o país.⁵

Embora trouxesse temas diversos, *Fazendo Gênero* se destaca aqui pelo espaço dedicado aos conteúdos voltados à saúde das mulheres, à sexualidade feminina e aos direitos reprodutivos. São diversos textos sobre projetos promovidos pelo GTC que buscam formar e conscientizar mulheres sobre essas temáticas. Na edição nº 3 de maio de 1998 o editorial destaca a trajetória do Grupo Transas do Corpo enfatizando que “segue

⁵Informações retiradas do site do Grupo Transas do Corpo. Disponível em:
<<https://transasdocorpo.org.br/index.php/biblioteca/informativo-fazendo-genero/>>

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

em frente com o firme propósito de continuar promovendo os direitos das mulheres, dentro de uma perspectiva de gênero, através de ações educativas em saúde e sexualidade.”

É possível ver essa concepção expressa nos conteúdos veiculados em *Fazendo Gênero*. Sob uma perspectiva feminista, os assuntos que se referem à saúde da mulher eram veiculados na publicação, como ressalta editorial de março/99 (Ano III, nº04) “a importância do movimento feminista nos avanços e transformações dos comportamentos masculino e feminino em nossa sociedade” e ainda “por trazer à tona a urgência de uma abordagem de gênero para todos os espaços e atores sociais.” Em suas páginas havia textos sobre AIDs, aborto, métodos contraceptivos, incluindo a anticoncepção de emergência, regulamentada pelo Ministério da Saúde desde 1996 e tendo Goiânia como a primeira cidade a implantar na rede municipal de saúde, são divulgados projetos desenvolvidos pelo GTC voltados à educação sexual para adolescentes e a participação do GTC na campanha de prevenção do câncer de colo do útero.

O Grupo Transas do Corpo utiliza o espaço do informativo para divulgar também o acervo do grupo, o Centro de Estudos e Informação que contava com recursos financeiros da Fundação MacArthur. A importância dele ao trazer relatos de estudantes da Educação Básica que contam sobre a experiência de realizar pesquisas de trabalhos escolares no CEI, também, para promover a importância do Centro divulga-se as parcerias com os cursos de Biblioteconomia e possibilidade de realizar estágios no acervo.

Em suas páginas *Fazendo Gênero* traz como as perspectivas feministas foram determinantes ao Grupo Transas do Corpo. Elas reverberam na publicação, como expresso no editorial de março/junho de 2000 para as mulheres que compunham o grupo e impulsionavam a publicação “tem que haver uma confluência de momentos pessoais, culturais e, fundamentalmente, algo que propicie este encontro. Para nós, o feminismo foi a ponte.” Assim o grupo era formado por “mulheres que se juntaram com o sonho de saber mais sobre o ser mulher, sua saúde, sua sexualidade e, sobretudo querendo compartilhar estas descobertas com outras mulheres.” (*Fazendo Gênero*, Ano IV, nº 07 março-junho/2000).

Falou-se muito sobre o feminismo na publicação, principalmente através de entrevistas. Na edição nº07, sob o título “Feminista ou feminina?” a publicação

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

entrevistou 3 mulheres de idades e profissões distintas em busca de compreender o significado de ser feministas, as diferentes formas de percepção e expressão. Através dessas entrevistas que *Fazendo Gênero* expressava as mudanças que haviam perpassado o movimento após a redemocratização e ao longo da década de 1990, como na edição número 11 de julho/outubro de 2001 ao entrevistar Sônia Alvarez⁶, destaque da primeira página da edição, aponta como ”o feminismo brasileiro, tal como reconhecemos hoje, emergiu no bojo do processo de redemocratização, no início dos anos 80” e elenca também algumas das características que os movimentos experimentavam no período:

“As atoras mais visíveis no movimento feminista brasileiro, hoje são as ONGs e aqui vemos que não são as únicas atoras, mas que são as mais visíveis e que têm, num certo sentido, virado as interlocutoras privilegiadas tanto das instâncias estatais como das intergovernamentais[...] São elas que fazem circular o discurso que constitui esse campo; há um referencial feminista.” (*Fazendo Gênero* ano V, nº 11 julho-outubro/2001)

Não apenas impulsionado nas ou pelas ONGs, mas como mostra a *Fazendo Gênero* o movimento feminista, discursos feministas circularam “nos próprios governos, nas universidades, na cooperação internacional, até na ONU e no Banco Mundial” (ALVAREZ, 2014, p. 25).

Considerações finais

As publicações, *Fazendo Gênero*, *Fêmea* e *Enfoque Feminista*, como demonstrado, permitem observar as articulações dos movimentos feministas no contexto da década de 1990, como maior espaço de atuação em diferentes esferas. Desde partidos políticos, às conferências internacionais, atuando em ONGs e sendo parte da agenda da ONU. Tais atuações caracterizam os movimentos feministas no período e o qual as publicações fazem parte desse contexto, sendo elas impulsionadas por ONGs, receberam financiamento de instituições internacionais, participaram e ressaltaram a importância das conferências internacionais.

⁶ A publicação a apresenta da seguinte forma: Sônia Alvarez é professora de Política da Universidade da Califórnia em Santa Cruz, CA/USA. Publicou vários livros dentre eles *Engendering democracy in Brazil: women’s movement in transition politics*. Tem militado no feminismo desde os anos 70 e foi assessora do Programa de Direitos e Justiça Social da Fundação Ford, no Brasil, entre 1993 e 1996.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Como ressaltou Jacira Melo (2003), o período é marcado por intensa produção editorial feminista, com a publicação de livros, revistas, cadernos, jornais, boletins, cartilhas, folhetos (2003, p. 298). São diversos coletivos e ONGs feministas publicando textos que expressavam suas atuações, mas que também refletiam suas percepções acerca do movimento. Como a autora pontua, observar essas publicações é compreender que para “além de serem importantes veículos para divulgação de informações, [...]também contribuem para o aprimoramento e a renovação de propostas e discursos políticos sobre a condição da mulher” (MELO,2003, p. 298). São, portanto, publicações impulsionadas em diferentes regiões do país que proporcionavam uma rede de articulação, sustentadas no papel de mobilização e visibilidade do feminismo que possibilitaram colocar em pauta importantes demandas e reivindicações das mulheres no referido período. (WOLFF; ZANDONÁ; MELLO, 2019)

Nesse sentido, ao observar os deslocamentos dos feminismos, as publicações expressaram a ampliação da entrada das mulheres na esfera política. Ainda que essa relação se tenha demonstrado frágil ao passo que, houve uma maior aproximação com o Estado, e embora tenha alcançado significativas mudanças às mulheres, essas ocorreram dentro dos limites e das contradições dos Estados democráticos. Assim, nem sempre o discurso feminista era pauta das mulheres no universo político. Em relação às conferências internacionais percebe-se que a realização desses espaços, colocou em diálogos mulheres de diferentes lugares, ainda que atuando dentro dos limites da agenda das instituições internacionais.

Referências Bibliográficas:

ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **Cadernos Pagu**. 2014, n. pp. 13-56. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400430013>. Acesso em 10 Julho 2021.

CFEMEA. Informativo do projeto: “direitos da mulher na lei e na vida”. **Fêmea**, ano 1, nº 0, Fevereiro/1992. Disponível em: <https://www.cfemea.org.br/images/stories/colecaofemea/jornalfemea000.pdf>. Acessado em 09.08.2021.

CFEMEA. Atuação dos parlamentares na legislação sobre a mulher. **Fêmea**, ano 1, nº 1, maio/1992. Disponível em: <https://www.cfemea.org.br/images/stories/colecaofemea/jornalfemea001.pdf>. Acessado em 09.08.2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CFEMEA. Mulheres discutem proposta de reformulação do código penal. **Fêmea**, ano 1, nº 2, julho/1992. Disponível em: <<https://www.cfemea.org.br/images/stories/colecaofemea/jornalfemea002.pdf>>. Acessado em: 09.08.2021.

CFEMEA. Mulheres lançam movimento de articulação pró-impeachment. **Fêmea**, ano 1, nº 3, outubro/1992. Disponível em: <<https://www.cfemea.org.br/images/stories/colecaofemea/jornalfemea002.pdf>>. Acessado em: 09.08.2021.

CFEMEA. Eleição geral: voto para os aliados. **Fêmea**, ano 3, nº 18, Agosto/1994. Disponível em: <<https://www.cfemea.org.br/images/stories/colecaofemea/jornalfemea018.pdf>>. Acessado em: 09.08.2021.

CFEMEA. Conferências: mulheres foram ao Cairo e irão à Pequim'95. **Fêmea**, ano 3, nº19, setembro/1994. Disponível em: <<https://www.cfemea.org.br/images/stories/colecaofemea/jornalfemea019.pdf>>. Acessado em: 09.08.2021.

CFEMEA. Eleições novas mulheres no congresso, três vão para o senado. **Fêmea**, ano 3, nº 20, outubro/1994. Disponível em: <<https://www.cfemea.org.br/images/stories/colecaofemea/jornalfemea020.pdf>>. Acessado em: 09.08.2021.

CFEMEA. Beijing'95: resultados positivos. **Fêmea**, ano III, nº 32, setembro/95. Disponível em: <<https://www.cfemea.org.br/images/stories/colecaofemea/jornalfemea032.pdf>>. Acessado em: 09.08.2021.

BARBOSA, Michelle Cristiane Lopes. Publicações feministas do CFEMEA: análise de conteúdo do Jornal Fêmea. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 12, p.142-156, dez. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000300016>. Acesso em julho de 2020.

BRAGA, J. Eleições estimulam debates sobre políticas públicas. **Enfoque Feminista**, ano 3, nº 6, ago/1994. Disponível em: <<http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PENFESP081994006.pdf>> Acessado em: 09.08.2021.

BRAGA, J. Avaliação da década. **Enfoque Feminista**, ano IV, nº7, 1995. Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PENFESP011995007.pdf>>. Acessado em: 09.08.2021.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. 1ª Edição, São Paulo: Boitempo, 2018.

FALQUET, Jules. **Por las buenas o por las malas: las mujeres en la globalización** /; tradução. Rosario Galo Montoya y Olga L. González. – Bogotá: Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Ciencias Humanas, 2011. 208 pp.

FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. **Mediações**, v. 14, n. 2, p. 11-33, 2009.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

FREIRE, R. Tendências das políticas de população nos anos 90. **Enfoque Feminista**, ano 3, nº4, abril/1993. Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PENFESP041993004.pdf> >. Acessado em: 09.08.2021.

GLÓRIA, M. Dez anos querendo fazer diferente. **Fazendo Gênero**, ano 1, nº 1, mar/jun/97. Disponível em: <https://transasdocorpo.org.br/wp-content/uploads/2017/07/Ano-I.n.-1.-mar.jun.-1997.pdf>. Acessado em:09.08.2021.

GLÓRIA, M. Encontro discute educação sexual. **Fazendo Gênero**, ano 1, nº 2 outubro/97. Disponível em: <https://transasdocorpo.org.br/wp-content/uploads/2017/07/Ano-I.n.2.-out1997.pdf>. Acessado em: 09.08.2021.

GLÓRIA, M. Às mulheres, saúde!, **Fazendo Gênero**, ano 1, nº3 maio/98. Disponível em: <https://transasdocorpo.org.br/wp-content/uploads/2017/07/Ano-I.n.2.-out1997.pdf>. Acessado em: 09.08.2021.

GLÓRIA, M. Cara nova no pedaço. **Fazendo Gênero**, ano 3, nº4 março/99. Disponível em: <https://transasdocorpo.org.br/wp-content/uploads/2017/07/Ano-III.-n.-4.-mar199.pdf>. Acessado em: 09.08.2021.

GLÓRIA, M. Feminismo hoje: descentramento e pluralização. **Fazendo Gênero**, ano V, nº 11 julho a outubro/2001. Disponível em: < <https://transasdocorpo.org.br/wp-content/uploads/2017/07/Ano-V.-n.-11.-julout.-2001.pdf>>. Acessado em 09.08.2021.

GONZALEZ, Débora de Fina. Lado a lado? Feminismos e Estado durante o ‘ciclo progressista’ latino-americano. **Rev. Estud. Fem.** 28 (3). 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n363040>. Acesso em 15.06.2021.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: Carla Bassanezi Pinsky (org.), Fontes históricas. 2. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

MACHADO, Lia Zanotta. Feminismos brasileiros nas relações com o Estado. Contextos e incertezas. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 47, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n47/1809-4449-cpa-18094449201600470001.pdf>. Acesso em 20/jul. 2019.

MIGUEL, Sônia Malheiros. Publicando nas ONGs feministas: entre a academia e a militância. **Revista Estudos Feministas**. 2003, v. 11, n. 1. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000100019>>. Acesso em 28/07/2020.

MELO, Jacira. Publicar é uma ação política. **Revista Estudos Feministas**. 2003, v. 11, n. 1, pp. 298-301. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000100022>>. Acesso em 30.04.2021.

PINTO, Céli Regina Jardim. Mulher e Política no Brasil Os impasses do feminismo, enquanto movimento social, face às regras do jogo da democracia representativa. **Revista Estudos Feministas**, nº especial/2º sem./94. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16109/14652>. Acesso em 20.07.2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

PRÓ-MULHER, U. M. S.P. Fórum Feminista de Direitos Reprodutivos. **Enfoque Feminista**, ano 2, nº 3, maio 1992. Disponível em: <<http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PENFESP051992003.pdf>>. Acessado em: 09.08.2021.

RODRIGUES, R; CALÍÓ, S. A; TELES, A. Violência doméstica e sexual. **Enfoque Feminista**, número especial, novembro de 1992. Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PENFESP1119920ES.pdf> >. Acessado em: 09.08.2021.

SANTOS, A; TURIBIO,I; TELES, M. A. A. A mortalidade materna. **Enfoque Feminista**, ano 1, nº0, maio/1991. Disponível em <<http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PENFESP051991000.pdf>>. Acessado em: 09.08.2021.

SCHUMAHER, Maria Aparecida; VARGAS, Elizabeth. Lugar no Governo: álbi ou conquista? **Revista Estudos Feministas**. v. 1 n. 2 (1993). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16068/14600>. Acesso em: 20.06.2021.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Publicações feministas sediadas em ONGs: limites, alcances e possibilidades. **Revista Estudos Feministas**. 2003, v. 11, n. 1, pp. 265-270. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000100018>>. Acesso em 01.12.2020

VITÓRIA, M. Feminista ou feminina?. **Fazendo Gênero**, ano 4, nº7 março-junho/2000. Disponível em: < <https://transasdocorpo.org.br/wp-content/uploads/2017/07/Ano-IV.-n.7.-mar.jun.-2000.pdf>>. Acessado em: 09.08.2021.

VITÓRIA, M. Mulheres em ação. **Fazendo Gênero**, ano 5, nº 10 mar-jun/2001. Disponível em: < <https://transasdocorpo.org.br/wp-content/uploads/2017/07/Ano-V.-n.10.-mar.jun.-2001.pdf>>. Acessado em: 09.08.2021.

WOITOWICZ, Karina Janz. Páginas que resistem - A imprensa feminista na luta pelos direitos das mulheres no Brasil. In: **VI Congresso Nacional de História da Mídia**, 2008, Niterói/RJ. VI Congresso Nacional de História da Mídia - 200 anos de mídia no Brasil. Niterói/RJ: Universidade Federal de Niterói, 2008.

WOITOWICZ, Karina Janz; SCHMITT, E.. Ocupar e resistir: a mídia como lugar de luta feminista. **Portal Catarinas**, Florianópolis/SC, 16 jul. 2020.

WOLFF, Cristina Scheibe; ZANDONÁ; Jair, MELLO, Soraia Carolina de (Orgs.). **Mulheres de Luta: feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985)**. Curitiba: Appris, 2019.